

UM PADRE ÀS AVESSAS: UM ESTUDO DA LOUCURA RESIDUAL NA POÉTICA CECILIANA

Monike Rabelo da Silva Lira (UFAM)¹

Cássia Maria Bezerra do Nascimento (UFAM)²

Resumo: A proposta deste texto é analisar a loucura da personagem padre Rolim, presente na poética *Romanceiro da Inconfidência* (2013), de Cecília Meireles, com base na mentalidade, conceito operacional da Teoria da Residualidade Literária e Cultural, de Roberto Pontes (2006; 2012; 2015) e na Teoria da Complexidade, de Edgar Morin (2007). No que se refere ao estudo temático, recorro a Erasmo de Rotterdam (2013), de *O Elogio da Loucura*, de Michel Foucault (2014), de *História da Loucura*. A respeito do fato histórico da Inconfidência Mineira e da personagem escolhida retratada pela história, utilizo os pressupostos de Roberto Wagner de Almeida (2002), Kenneth Maxwell (2010) e Júlio José Chiavenato (1989).

Palavras-Chave: Loucura; Residualidade; Mentalidade; *Romanceiro da Inconfidência*; Cecília Meireles

Apresentação

Envolvida sob uma atmosfera de mistério, incompreensão e medo, a loucura é estudada na literatura conforme as perspectivas teóricas e socioculturais de cada período histórico. A Inconfidência Mineira foi um movimento organizado pela aristocracia do Brasil-Colônia, no século XVIII, que, revoltando-se contra os excessivos impostos cobrados pela metrópole, articularam:

“[...] um levante contra a colônia, cujas pretensões ameaçavam o poder e autoridade da Coroa Portuguesa. Como homens do seu tempo, os Inconfidentes aspiravam a construção de uma nova ordem política e econômica pautada mais em interesses individuais do que inspirada em ideais cívicos e republicanos” (SILVA, 2007, p.10).

O movimento não obtivera o sucesso esperado pelos inconfidentes, que findaram sendo condenados. A poeta³ (como assim se autoafirmava) Cecília Meireles resgata a história e a reinventa em *O Romanceiro da Inconfidência*, publicado pela primeira vez em 1953. Diferente do modo retratado pela História, Cecília representa a Inconfidência em sua poesia, como movimento libertário e de ideais republicanos e iluministas. Sua poesia é de denúncia contra a dominação e a violência portuguesa na Inconfidência; e de

¹ Mestranda em Letras – Estudos Literários (PPGL/UFAM); Bolsista (CNPq/Capes).

² Orientadora e Professora Doutora de Literatura no PPGL/CLLP/UFAM.

³ Cecília se reconhece como “poeta” e não como “poetisa” como forma de reconhecimento de seu lugar de fala e da relevância de sua obra, e de transgressão ao último termo, que em meados do século XX adquire um sentido pejorativo, atribuído às escritoras e suas obras poéticas, que foram tidas como não sérias, inferiores às obras de autoria masculina (Farra, 2002, s/p *apud* SILVA, 2015, p.21).



resistência, por parte da aristocracia mineira, se uniu, em prol do ideal coletivo de Independência.

Ao identificarmos as personagens loucas no *Romanceiro*, as encontramos sob uma atmosfera de loucura incompreendida pelo lado dos opressores e acolhida pelo lado dos oprimidos. Para delimitação, analiso a loucura presente na personagem padre Rolim, com base na mentalidade, conceito operacional da Teoria da Residualidade Literária e Cultural, de Roberto Pontes (2006; 2012; 2015) e na Teoria da Complexidade, de Edgar Morin (2007). A respeito do fato histórico da Inconfidência Mineira e da personagem escolhida retratada pela história, utilizo os pressupostos de Roberto Wagner de Almeida (2002), Kenneth Maxwell (2010) e Júlio José Chiavenato (1989).

Mentalidade e Complexidade da loucura: reflexões teóricas

A Teoria da Residualidade objetiva analisar comparativamente as relações entre os tempos, os espaços, as culturas e os períodos literários, percebendo, dessa forma, como os seus conceitos operacionais: resíduo e mentalidade, fazem-se presentes nas mais diversas sociedades e, por isso, constituem objetos de estudo deste trabalho: “A residualidade se caracteriza por aquilo que resta, que remanesce de um tempo em outro, podendo significar a presença de sedimentos mentais arraigados no passado próximo ou distante” (MARTINS, 2000, p. 265 *In* PONTES; MARTINS, 2015, p. 274). Considero a Teoria da Residualidade um pilar teórico fundamental deste trabalho acerca da loucura no *Romanceiro* visto que se pauta pelo estudo de elementos vivos, presentes na sociedade. E é, por meio de resíduos, que podemos perceber como eles foram formados e de que modo permanecem na mentalidade de um determinado agrupamento social: “A mentalidade diz respeito à soma de várias individualidades, a qual resulta numa mentalidade coletiva [...] e esta última é transmitida desde épocas remotas, a épocas recentes” (PONTES, 2006, p. 13).

A Teoria da Complexidade, sistematizada pelo teórico Edgar Morin (2007) é fundamental para que percebamos o aspecto psicológico complexo dos personagens estudados. Para Morin (2007), o pensamento complexo é construído mediante: “Uma tensão permanente entre a aspiração a um saber não fragmentado, não compartimentado, não redutor, e o reconhecimento do inacabado e da incompletude de



qualquer conhecimento. Além disso, ele postula que a complexidade está, pois, ligada a certa mistura de ordem e de desordem, mistura íntima” (MORIN, 2007, p.7). As noções de residualidade, mentalidade e complexidade constituem-se como bases teóricas também fundamentais para o estudo da temática loucura no poema escolhido do *Romanceiro*, visto que incidem no campo das emoções, na mentalidade e no comportamento insólito e transgressor representado pela personagem tida como louca, bem como nos símbolos que configuram a presente obra poética de Cecília Meireles com predominância temática da loucura, como argumento para propagação da liberdade. Os princípios residuais e complexos dialogam positivamente na pesquisa literária, procurando gerar questionamentos, ao invés de respostas, corroborando mutuamente para a necessidade de se estudar a loucura.

A loucura de padre Rolim numa interface entre Literatura e História

A loucura é uma linha fina que oscila entre razão e (des)razão e os seus limites são estudados pela arte literária, que os residualiza na mentalidade complexa retratada no texto literário. Tema que se apresenta, muitas vezes, mediante preconceitos e negativizações no imaginário social, a loucura torna-se objeto de exclusão social.

A interface entre Literatura e História é uma das vertentes dos Estudos Culturais. Ambas as áreas se aproximam e se distanciam em vários aspectos. Interessa aqui, refletir sobre a aproximação entre Literatura e História, no que se refere ao conceito de representação. Para Sandra Pesavento (2003), a representação relaciona-se à substituição de algo que já foi feito: “representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença” (PESAVENTO, 2003, p. 40). Representação é, pois, o ato de construir conhecimento, apresentando novas contribuições e gerando novos questionamentos. É exatamente isso o que a poeta Cecília Meireles faz no *Romanceiro da Inconfidência* (1953), após quase dois séculos da Inconfidência Mineira⁴. Como a poeta explica, a História “fixa determinadas verdades que servem à explicação dos

⁴ Em relação à Inconfidência Mineira como evento histórico, me deterei ao estudo da personagem padre Rolim, enfatizando seus aspectos positivos e revolucionários, embora reconheça que os autores Roberto Wagner de Almeida (2002), Kenneth Maxwell (2010), e Júlio José Chiavenato (1989) tratam sobre as características negativas da personagem, pois assim como Cecília Meireles (2013), acredito no aspecto positivo atribuído à loucura da personagem.

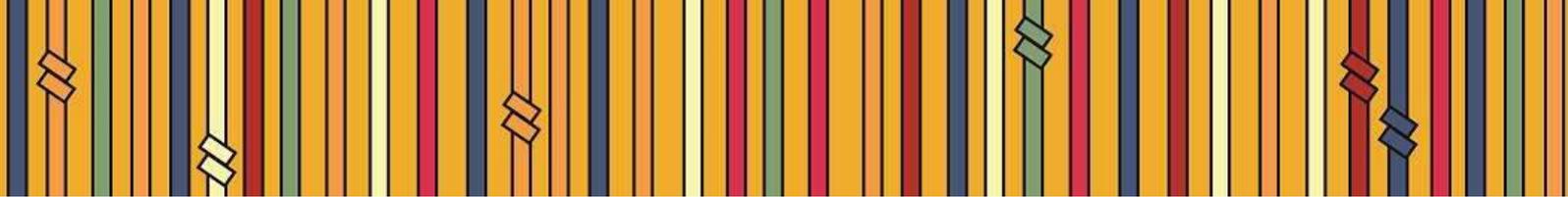


fatos”, enquanto que a Literatura “anima essas verdades de uma força emocional que não apenas comunica fatos, mas obriga o leitor a participar intensamente deles, arrastado no seu mecanismo de símbolos, com as mais inesperadas repercussões” (MEIRELES, 1989, p.21).

Na *História da Loucura*, Foucault (2014) limita alguns problemas concretos (a loucura, a prisão, a clínica psiquiátrica). Suas observações são atemporais, mantendo-se na sociedade e na literatura contemporânea, por meio de resíduos, os quais promovem a complexidade da temática loucura. Ele tem por finalidade observar como o conceito de loucura mudara ao longo dos tempos, e o que isso designa. Na Idade Clássica, também denominada de A Grande Internação (XVI-XVII), tem-se a experiência trágica da loucura numa consciência crítica. A loucura é vista como crime, e considerando-a como tal, deve ser “controlada”. O louco não é considerado como detentor de seus direitos à verdade. Não se acredita na Outra razão do louco. A loucura será exilada “e reduzida ao silêncio através de um estranho golpe de força” (FOUCAULT, 2014, p.45): o internamento:

Vi-os nus, cobertos de trapos, tendo apenas um pouco de palha para abrigarem-se da fria umidade do chão sobre o qual se estendiam. (Esquirol, 1838, p. 134 *apud* FOUCAULT, 2010, p. 49).

Os loucos são mantidos sob o regime de cárcere privado nas casas de internamento e no Hospital Geral: “O Hospital Geral não se assemelha a nenhuma ideia médica. É uma instância da ordem, da ordem monárquica e burguesa que se organiza na França nessa mesma época” (FOUCAULT, 2014, p.50). Diante das observações realizadas por Foucault (2014), constato a internação institucional como uma medida econômica e uma precaução social. É antes uma exclusão social, fruto do silenciamento da loucura na época. É nesse contexto histórico de repressão da loucura na Era Clássica, que o “Romance XLV ou Do padre Rolim” de Cecília Meireles está inserido. Apesar da *Inconfidência Mineira*, enquanto fato histórico ter ocorrido em fins do século XVIII e o *Romanceiro* ter sido publicado no século XX, o que, conforme a divisão de Foucault (2014) o louco passa a ser concebido como doente no contexto da Revolução Industrial (XVIII – XIX), percebe-se que no contexto referido neste trabalho, a loucura é ainda tida como crime. Os inconfidentes são aí vistos como loucos e submetidos às formas de exclusão social, tal como na Idade Clássica /A Grande Internação (XVI-XVII). Com isso, destaco que a temática da loucura receberá contribuições de outros períodos



históricos, não se limitando exclusivamente a um período específico, já que conforme a Teoria da Residualidade, a mentalidade da loucura: “ultrapassa os limites do tempo e, aos poucos, vai ganhando novas formas sem, contudo, perder a sua essência que sobrevive através de resíduos mentais e culturais incorporados às novos culturais” (PONTES; MARTINS, 2015, p. 273). Intento mostrar, por meio da interpretação literária do “Romance XLV ou Do padre Rolim”, como a loucura é representada pela personagem Rolim, a qual transgredir o modelo exemplar o qual lhe cabe, pois se acostuma com a prática do pecado e se envolve em escândalos amorosos, aspecto esse que somado às suas andanças (como uma espécie de fuga) e ao seu caráter idealista, são motivadores da perda da sua razão e da provocação do riso, confirmando, assim, a representação da loucura na personagem.

Embora desprezado por muitos historiadores que destacam a figura de Tiradentes como “herói republicano”, na obra *Entre a cruz e a espada*, Roberto Almeida (2002) afirma que a participação do padre Rolim foi necessária para que as ideias dos conjurados fossem levadas à *práxis*, à ação. A personagem histórica padre José da Silva e Oliveira Rolim, mais conhecido como padre Rolim, nasceu no Arraial do Tejuco ou Tijuco, atual Diamantina (1747-1835), apesar do papel ideológico de padre, não era religioso. Silvério dos Reis, um dos delatores da conjuração, afirma que Rolim assumiu o sacerdócio para se livrar das penas de um assassinato (AUTOS DE DEVASSA, vol.3, p.144 In ALMEIDA, 2002, p.30). Júlio José Chiavenato (1989, p. 23), em *As várias faces da Inconfidência Mineira*, confirma o motivo pelo qual Rolim se ordenou sacerdote. Afirma ainda que ele “deixou vários filhos e era um desinquietador de famílias”. Foi o mais rico de todos os inconfidentes, filho do caixa da Intendência dos Diamantes: “Figura de destaque na Inconfidência Mineira [...] responsável por levar “pólvora à poesia”, isto é, transformar um ideário libertário em necessidade de se realizar a luta armada” (ALMEIDA, 2002, p. 11). Como registra Maxwell (2010) n’A *Devassa da Devassa*, o padre “assumiu a responsabilidade de tomar o Distrito dos Diamantes e de fornecer duzentos homens com mosquetes, pólvora e balas, vindo de Serro Frio e de Minas Novas” (MAXWELL, 2010, p. 193). Nesse poema, Cecília Meireles focaliza o padre Rolim, tornando-lhe personagem principal no cenário da Inconfidência. Desde a primeira estrofe, noto em “lá vai carta /lá vem carta” a movimentação da personagem, em alusão às suas fugas para não ser preso pelo governo



português. E ele consegue fugir por muito tempo. Só é preso, após mais de quatro meses de fuga. No terceiro e quarto verso: “Prendem o padre ou não prendem? /Difícilima caçada!”, o eu-lírico possibilita ao leitor o reconhecimento de que não se trata de um padre comum, fiel aos seus votos religiosos, e sim, de um transgressor das leis religiosas e civis:

Foi o último a ser preso, rompendo dois cercos de militares que tentavam aprisioná-lo. O primeiro ele atravessou disfarçadamente... de soldado! O segundo ele enfrentou à bala. Ocultou-se nas matas durante meses, levando ao desespero as autoridades portuguesas, que o reconheciam como o mais perigoso dos conjurados (ALMEIDA, 2002, p. 14).

Convém trazer à tona a classificação prática que o historiador Kenneth Maxwell (2010) faz sobre os inconfidentes: os ativistas, ideólogos e interesses financeiros. Para o autor, esses últimos “eram os que, de muitos modos, exerciam influência maior”. O padre Rolim foi um desses seis ativistas (MAXWELL, 2010, p.204). Como destacam Maxwell (2010, p.194), Chiavenato (1899, p.44) e Almeida (2002, p.63) todos tinham interesses pessoais no movimento da Inconfidência. Este último ainda evidencia que “por trás de todo heroísmo está, mesmo que inconsciente, algum tipo de barganha, a antevisão de alguma vantagem, ainda que póstuma” (ALMEIDA, 2002, p.63). O motivo pessoal de Rolim foi que ele “não se conformava com a tirânica legislação que tentava controlar a extração de diamantes em sua região, dificultando o seu contrabando, além de não estar conseguindo a revogação de seu banimento da Capitania” (ALMEIDA, 2002, p.64). Apesar do contrabando de diamantes ser considerado um crime, era também um ato de revolta contra o despotismo do governo português (ALMEIDA, 2002, p.21). A vida de Rolim era cercada por acontecimentos insólitos e para que conseguisse fugir, ele recebe a ajuda de seus conterrâneos, que se afeiçoaram ao seu comportamento bizarro. Nos últimos quatro versos da primeira estrofe: “Uns dizem que já vai longe, /pelo alto da serra brava; /outros, que só sai de noite, /fugido, de casa em casa”. Esse abrigo na casa dos outros, é confirmado por ele: “de fato, como revelaria mais tarde, tão logo fugiu ele procurou abrigar-se sucessivamente na casa de vários amigos, passando de uma a outra durante a noite” (AUTOS DE DEVASSA, vol. 3, p. 321-3 *In* ALMEIDA, 2002, p. 102). Nesses versos, observo o carisma e a inteligência de Rolim, que consegue, ao mesmo tempo, proteção dos mineiros e o escape do governo português. Certo é que era rico e mestre no suborno, mas, sobretudo, tinha uma



mentalidade impressionante. A mentalidade do padre Rolim era tão complexa, que ele se vê livre de seus alçozes com naturalidade. Por isso, Cecília (2013) destaca que é uma “dificílima caçada” prender o padre, pois ele consegue manobrar as pessoas: “[...] dois governadores quiseram expulsá-lo dos territórios de suas Capitânias. De um deles escapou, comprando proteção com diamantes. O outro conseguiu expulsá-lo, mas ele logo voltou, clandestinamente” (ALMEIDA, 2002, p.13). Rolim é o único dos conjurados de se tem a descrição física registrada na história, pois irritado, o visconde de Barbacena, faz um retrato falado do padre fujão e ainda oferece um prêmio a quem o encontrasse (AUTOS DE DEVASSA, vol. 8, p.213 *In* ALMEIDA, 2002, p.117).

Na segunda estrofe, o eu-lírico de forma bem humorada e irônica, afirma que não se sabe o motivo específico pelo qual o padre foi preso, e lista uma série de crimes que ele teria cometido: “Por ter arrombado a mesa /de um juiz, em certa devassa; /por extravio de pedras; /por causa de uma mulata; /por causa de uma donzela; /por uma mulher casada”. A terceira estrofe retoma a primeira. A repetição é um recurso poético que Cecília utiliza, para conferir movimentação e uma espécie de retorno cíclico aos fatos da vida da personagem. Os últimos versos dessa estrofe apontam para os documentos trocados por Visconde de Barbacena e os encarregados à busca de Rolim, que o protegeram, conforme destaca Almeida (2002, p.113). Em *Os setes saberes necessários à educação do futuro*, Edgar Morin (2000) trata sobre a complexidade da mentalidade humana, a qual consegue mentir para si mesmo, de tal forma, que o próprio indivíduo acredita em suas mentiras, porque as toma como verdade:

O egocentrismo, a necessidade de autojustificativa, a tendência a projetar sobre o outro a causa do mal fazem com que cada um minta para si próprio (MORIN, 2000, p.21).

Isso aconteceu com o padre Rolim, que mente com facilidade várias vezes ao longo de sua vida e se autojustifica como afirma Morin (2000, p.21), tanto que Almeida (2002) destaca que sua “sagacidade em alguns interrogatórios chega a ter toques de humor” (ALMEIDA, 2002, p.128). A loucura do padre Rolim se dá na rapidez de seu raciocínio lógico e de suas fugas. Ele consegue passar pelo cerco dos soldados, vestindo-se como um deles: com cabelo postiço e farda. Esse episódio é um dos que comprovam a relação entre loucura e riso na personagem, que, com sua mentalidade complexa, consegue inventar truques para enganar as autoridades. Já preso, ao ser interrogado, ele continua confundindo-lhes:



Mesmo diante de todas as evidências contra si, o padre Rolim relutou como nenhum outro a admitir sua culpa, ainda que lhe mostrassem já estar fartamente provada. Usou de todos os subterfúgios possíveis, com rara argúcia, e não cedeu nem mesmo nas acareações, posto frente a frente com conjurados que confirmavam a sua participação (ALMEIDA, 2002, p.125-6).

Antes disso, porém, os portugueses não encontraram os papéis que incriminariam Rolim, fato que Cecília (2013) aponta na quarta estrofe, mediante o uso de ironia e sarcasmo: “Nos seus colchões remexidos, /não se pôde encontrar nada, /que escondera as coisas todas /– em que mesa? armário? caixa? /teto? parede? alicerce? /com que amigo? com que amada?”. Até hoje, esse é um mistério que a história não soube desvendar: “Não conseguiram os portugueses levar à devassa nenhum documento mais comprometedor contra o padre Rolim” (AUTOS DE DEVASSA, vol. 3, p. 377 *In* ALMEIDA, 2002, p. 99). Na quinta estrofe, a fuga de Rolim ainda continua. E ao invés de “pular de casa em casa”, ele chega a construir para si e seus companheiros de fuga dois ranchos ou choças na mata, como destaca Almeida (2002): “[...] o padre Rolim ali permaneceu vários meses, deixando crescer ainda mais a barba que já usava, e principalmente os cabelos, que eram curtos” (ALMEIDA, 2002, p.109). Na sexta estrofe, o eu-lírico anuncia a prisão de Rolim com tom de melancolia e tristeza: “é tempo de desgraça” para aquele “que sempre tivera vida bizarra”. O louco Rolim é preso “dois dias depois do tiroteio, em 5 de outubro, quando fugia a cavalo” (ALMEIDA, 2002, p.121). Na sétima estrofe, o eu-lírico faz referência aos pecados da personagem: “Se setenta e sete houvera, /do mesmo modo os levará”. O padre não sentia quaisquer remorsos sobre eles, já que “sorridente carregava”. Cecília faz um jogo irônico com o número 7, mais precisamente, 77.

No *Dicionário de Símbolos*, de Chevalier (2016), o número 7 simboliza:

um ciclo completo, uma perfeição dinâmica [...] resume também a totalidade da vida moral [...] é o símbolo universal de uma totalidade, mas de uma totalidade em movimento ou de um dinamismo total. Como tal, ele é a chave do Apocalipse (7 igrejas, 7 estrelas, 7 Espíritos de Deus, 7 selos, 7 trombetas, 7 trovões, 7 cabeças, 7 calamidades, 7 taças, 7 reis) [...] é usado 77 vezes no Antigo Testamento (CHEVALIER, 2016, p.826-8).

Ao contrário da vida moral e virtuosa que a função sacerdotal lhe exigia, o padre Rolim foi um modelo de transgressão aos dogmas religiosos. O sete no poema ceciliano, representa a imperfeição, a vida imoral, profana, desvirtuosa e incompleta da



personagem, ao mesmo tempo, a poeta não deprecia a sua imagem, apresentando dúvida quanto aos limites entre o corpo e a alma do padre.

Foucault (2014, p. 36) retoma o trabalho feito por Erasmo de Rotterdam (2013), trazendo à tona os dois tipos de loucuras concebidos: a “loucura louca” e a “loucura sábia”, a primeira recusa a loucura da razão, ou seja, é realmente insana e inconsciente e a segunda acolhe a loucura da razão, ouve-a e reconhece os seus direitos de cidadania. Essa sátira ao modo negativo como a loucura era percebida, foi feita antes pelo filósofo humanista Erasmo de Rotterdam em *Elogio da Loucura* (1469-1536), que se popularizou devido à crítica contundente aos grupos sociais e aos costumes de sua época. Principalmente, por conta do modo como essa crítica é por ele realizada, já que a loucura é protagonista e narradora na obra; desse modo, tem-se, a loucura falando em primeira pessoa em elogio a si própria (ROTTERDAM, 2013, p. 12). No *Elogio da Loucura*, a loucura protagonista apresenta o seu papel geral aos seus “ouvintes muitos loucos” (ROTTERDAM, 2013, p. 15), como adiante designa seus leitores. Neste, a loucura ironiza a incompreensão que as pessoas apresentam quanto à ela, já que se auto afirma presente em suas ações. Um fato curioso é que a loucura não chorou ao nascer, e sim, sorriu (ROTTERDAM, 2013, p. 17). Diante disso, percebo que ela está longe de ser um modelo de virtudes, ao contrário, opõem-se totalmente à isso, provocando nas pessoas o desvio das orientações moralistas. Erasmo também focaliza alguns grupos sociais e ironiza a racionalidade deles, defendendo que a loucura orienta seus comportamentos:

É que, estranhamente, o povo do Serro Frio gostava daquele padre violento, mulhengo, agiota e contrabandista. Talvez porque ele fosse tudo isso de forma assumida, sem jamais ter-se fingido de santo. Ou, quem sabe, tenham passado a apoiá-lo ao saber de sua fuga e de como estava conseguindo desorientar as autoridades portuguesas, odiadas por todos (ALMEIDA, 2002, p. 112).

O padre Rolim é “louco sábio”, devido à resistência de seus aspectos físico e psicológico. Ele tinha consciência dos seus atos. Sem medo, lutava pelo que almejava e não escondia de ninguém quem de fato era. Acredito, assim como Almeida (2002), que seja por isso que o padre foi tão bem quisto pelos seus conterrâneos. Na medida em que as estrofes avançam, Cecília (2013) sugere cada vez mais a relação entre loucura e riso na personagem. Há parodização da seriedade da loucura, assim como a desconstrução do mundo real e a construção do mundo às avessas, enfatizados pela personagem. O riso



assume uma postura de zombaria, de deboche, de uma forma (des)medida a abalar o sério e o oficial, a meu ver, no intuito de denunciar a intolerância colonialista (SOERENSEN, 2009, p. 7-11). Na oitava estrofe, confirma que Rolim era um padre aventureiro e que sempre mudava de fisionomia, segundo a situação lhe exigisse. Afirma também a relação dele como a maçonaria: “Padre de maçonaria, /que sonhava e conspirava”; fato ainda misterioso para os historiadores estudados, que só admitem que foi enterrado com trajes maçônicos: “[...] teria sido vestido, para a cerimônia fúnebre, com paramentos maçônicos” (ALMEIDA, 2002, p. 195). Na última estrofe, a poeta trata de uma característica de Rolim inusitada, embora possível: a gula: “Padre amável e guloso”. A gula é também considerada pecado relacionado aos prazeres do corpo pela mentalidade cristã mediéfica. Apesar disso, não era alvo de preocupações do padre Rolim, que mandava caixas de doce de mangaba ao poeta Gonzaga. Cecília (2013) aponta, dessa forma, que o riso e a gula, presentes em Rolim, cristalizaram-se como práticas sociais recorrentes.

O padre Rolim também é “louco louco”, na medida em que é tido como criminoso pelos colonizadores portugueses e pela igreja, diante suas práticas ilícitas e transgressoras, já mencionadas. Ao invés de trancafiados “nas casas de internamento” ou no “Hospital Geral”, os “loucos loucos” da Inconfidência eram destinados a três espaços de exclusão social: morte física, prisão ou degredo. Os padres conjurados receberam a condenação à forca e ao sequestro de bens. Apesar disso, o padre Rolim foi beneficiado, por meio da comutação de sua pena de morte em degredo perpétuo. A cumpriu durante quatro anos no Forte de São Julião da Barra e em 1796 foi transferido para o Mosteiro de São Bento da Saúde. Como destaca Almeida (2002, p. 184), a prisão no mosteiro não era menos opressora que a do forte. Os mosteiros são os locais de violência utilizados para silenciar a loucura dos eclesiásticos. Ali, não há espaço para a cruz, e sim, para a espada. Os que deveriam ser “ovelhas” são os próprios “lobos”. Os conjurados respondiam por crime de lesa-majestade, e há dois indícios de que teriam sido torturados nos interrogatórios. Ambos foram registrados nos interrogatórios do padre Rolim, o qual sugere que alguns conjurados sofreram violência física e psicológica (ALMEIDA, 2002, p. 171).

Como afirma Almeida (2000), o padre tinha necessidade de “aventura permanente”. O cárcere não o matou. Assim como a poesia ceciliana, ele resistiu



bravamente aos 14 anos de degredo e voltou ao seu Arraial de Tejuco, vivendo até os seus 88 anos de vida e presenciando a Proclamação da Independência do Brasil em 1822: “[...] a realização do sonho de independência de todos aqueles mineiros que com ele haviam partilhado os riscos e anseios da revolução que não pôde acontecer” (ALMEIDA, 2002, p. 194). Padre Rolim e os inconfidentes venceram, porque o sonho de liberdade política tornou-se realidade. Dessa forma, constato que as formas de opressão na Era Clássica contra a loucura foram mantidas no século XVIII da Inconfidência e denunciadas por Cecília (2013) no *Romanceiro*. Como a poeta afirma no romance estudado, o tempo dos Inconfidentes é de desgraça.

Os crimes e o comportamento transgressor e cercado de peripécias do padre Rolim, são tratados por Cecília com muita delicadeza, humanização, trazendo à tona a sua evidente importância na Inconfidência e, acrescento, aos estudos sobre a representação da loucura na literatura. No *Romanceiro*, observo o transbordamento da alma de uma poeta que soube reinventar uma história de opressão, em poesia melodiosa, equilibrada, com tons de nostalgia, com versos que clamam por justiça aos oprimidos, num tempo eterno, cíclico, revelado numa instância poética que “parece tirar do passado e da memória o direito à existência” (BOSI, 2000, p.131). A poesia ceciliana é loucura. Nas palavras de Cecília (1989, p.25), constato que o “*Romanceiro* não julga” a loucura. É um “convite à reflexão”.

Referências

ALMEIDA, R. W. *Entre a cruz e a espada: a saga do valente e devasso padre Rolim*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AUTOS DE DEVASSA DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA (Centro de Documentação e Informação da Câmara dos Deputados – Imprensa Oficial do Governo do Estado de Minas Gerais) volumes 3 (1981) e 8 (1977) IN ALMEIDA, R.W. *Entre a cruz e a espada: a saga do valente e devasso padre Rolim*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BOSI, A. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CHEVALIER, J. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 29ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

CHIAVENATO, J. J. *As várias faces da Inconfidência Mineira*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 1989.

FOUCAULT, M. *História da Loucura: na idade clássica*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MAXWELL, K. *A devassa da devassa: a Inconfidência Mineira, Brasil – Portugal, 1750-1808*. Trad. João e Maia. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

MEIRELES, C. “Como escrevi o *Romanceiro da Inconfidência*”. In: _____. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

_____. *Romanceiro da Inconfidência: edição comemorativa – 60 anos*. Org. André Seffrin. 12. ed. São Paulo: Global, 2013.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. 3.ed. Trad. Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PESAVENTO, S. J. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PONTES, R. “Entrevista sobre a Teoria da Residualidade”, com Roberto Pontes, concedida a Rubenita Moreira, em 05/06/06. Fortaleza: (mimeografado), 2006.

_____; MARTINS, E. *Residualidade ao alcance de todos*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.

ROTTERDAM, E. *Elogio da Loucura*. Trad. P. Neves. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

SILVA, P. “*A Inconfidência Revisitada: Antônio Parreiras e a Jornada dos Mártires*”. Trabalho de conclusão da Especialização em História da Cultura e da Arte da Universidade Federal de Minas Gerais. Dezembro de 2007.

SILVA, R. D. “*Serenas e desesperadas: representações femininas na obra poética de Cecília Meireles*”, Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista, 2015.

SOERENSEN, C. “*A profusão temática em Mikhail Bakhtin: Dialogismo, Polifonia e Carnavalização*”. Revista Travessias, Paraná: UNIOESTE, 2009.